



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



PROCESSO DE PROJETAÇÃO PARTICIPATIVA CONSTRUINDO EM COOPERAÇÃO

Área temática: Trabalho

Camila Costa Curta¹; Debora Fischer Silva²; Keven Moreira Prates³

¹Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);

²Ateliê Modelo de Arquitetura do Departamento de Arquitetura e Urbanismo;

³PROEX – Pró Reitoria de Extensão da UFSC;

Resumo

A produção de uma arquitetura em conjunto com quem irá utilizá-la visa um projeto elaborado não apenas por arquitetos profissionais, mas também por quem vivencia a arquitetura e produz o seu próprio espaço – tanto pela falta de acesso à um profissional quanto pela capacitação à autoconstrução adquirida ao longo das experiências vividas. Essa arquitetura social é o meio de atuação do Ateliê Modelo de Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, responsável pelo projeto da sede de uma unidade produtora de sucos e de geléia de uva da Cooperativa Agroindustrial do município de Major Gercino, a COOPERMAJOR, em Santa Catarina, que tem sua cultura de imigração mantida viva pelos 3 mil habitantes da cidade. Para alcançar um projeto de cunho participativo, foram utilizados métodos de projeção que saíssem do espaço individual do arquiteto para atingir a comunidade, realizando para isso mutirões de discussão e proposição, seminários e oficinas técnicas, com o objetivo de conscientizar a comunidade da história existente na sua arquitetura e de garantir o controle coletivo sobre as ações dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo sobre a elaboração do projeto arquitetônico. Busca-se assim uma dinâmica contínua de diálogo

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

e de troca de conhecimentos entre o AMA e a comunidade, fomentando a interdisciplinaridade no processo e integrando tanto as qualidades quanto as fragilidades dos diversos atores. Através do projeto, os alunos de graduação tiveram a oportunidade de entrar em contato com a realidade de um projeto que sairá do espaço das idéias para uma concepção real, além de levar à comunidade externa a universidade o serviço de arquitetos e urbanistas aos quais essa não tinha acesso. O projeto de extensão resultou em um projeto arquitetônico concebido pela colaboração entre os estudantes e os futuros usuários do espaço, respeitando suas necessidades e preferências, e exaltando a apropriação por parte dos cooperadores de um local que representará a sede da cooperativa. Os objetivos alcançados através do projeto vão desde o fomento à agricultura familiar até o resgate da cultura local, incentivando o turismo rural e desenvolvendo a comunidade no sentido de fortalecer os laços entre agricultores.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura social, Projetação participativa, Cooperativismo.

1. Introdução

O presente projeto de extensão surgiu de um acordo de cooperação entre o Ateliê Modelo de Arquitetura (AMA), escritório modelo do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI). O objetivo principal foi de colaborar no planejamento da implantação de uma unidade produtora de sucos e de geleia da Cooperativa Agroindustrial do município de Major Gercino, a COOPERMAJOR, composta por 22 famílias da região.

Em 2004 foi fundada a Associação de Desenvolvimento da Microbacia de Pinheiral através do programa da Secretaria de Estado da Agricultura, o projeto Microbacias 2. A Associação tem como objetivo organizar os agricultores das comunidades de Pinheiral, Nova Galícia, e Rio das Flores, e contribuir para o desenvolvimento destas comunidades através da discussão de seus problemas, tendo em vista buscar soluções e o planejamento de ações.

Como a área de atuação da Associação era composta exatamente pelas comunidades produtoras de uvas do município, ela se tornou uma instância de

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

organização desses viticultores, que somam mais de 40 famílias envolvidas, numa área de aproximadamente 90 hectares e uma produção anual superior a mil toneladas de uvas, tornando Major Gercino o oitavo maior produtor catarinense em volume de produção desta fruta.

Ainda na época do Projeto Microbacias 2, a Associação conseguiu recursos para a aquisição de painéis extratoras para a produção de suco de uva, surgindo então a ideia de industrialização da produção local. Para isso, se buscou a parceria do Banco do Brasil através do projeto Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), do Sindicato dos Trabalhadores de Major Gercino, da Prefeitura Municipal de Major Gercino, e da EPAGRI - que começou a apoiar a discussão da atividade através de seminários, reuniões, palestras e excursões, com o objetivo de buscar novos caminhos para a viticultura do município e instruir os agricultores quanto aos processos de produção de uva.

Além dessas atividades, pensando na ampliação das possibilidades de mercado e produção de sucos e vinhos diferenciados, a Associação conseguiu recursos do BESC Clube para instalação da primeira unidade de observação de variedades de uvas do município, que conta com 15 espécies de uvas, entre elas americanas e europeias para mesa, e uvas para produção de sucos, vinhos de mesa e até vinhos finos de variedades europeias consagradas sob cobertura plástica.

O Ateliê Modelo de Arquitetura (AMA) foi então convidado pela EPAGRI para participar do desenvolvimento do projeto desta unidade de produção de sucos. Em consonância com os objetivos da extensão universitária na UFSC e do próprio estatuto do AMA, procurou-se através do projeto difundir a atividade acadêmica e, ao mesmo tempo, atender a populações sem possibilidades de ter acesso ao trabalho profissional do Arquiteto e Urbanista. Realiza, assim, trabalhos de extensão de forma horizontal e coletiva, visando beneficiar comunidades em situação de fragilidade social.

Realização:



Parceiros:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



2. Material e Metodologia

Projetando em comunidade

A construção da CooperMajor de forma participativa resultou não apenas na construção de uma edificação, mas também na construção de um grupo. Apesar de todos os cooperados viverem na mesma cidade, o contato entre eles não era tão frequente até o início do projeto, quando começaram a aprender juntos a pensarem em conjunto - fator essencial para um grupo que pretende conviver intensivamente durante a futura produção. A projeção em cooperação ajudou a construir um espaço e o espírito de cooperativa; um local que além de ser pensado de forma coletiva também será habitado dessa forma.

Mas, o que é um projeto participativo?

A projeção participativa é uma forma de projeção em que o usuário final participa do processo de projeto, definida como “um trabalho em equipe que acontece para que os conhecimentos de seus membros sejam ampliados e somados durante as atividades propostas.” (MATOS, 2010, p. 99). O AMA desenvolve projetos arquitetônicos participativos desde 1998, estendendo para a comunidade um serviço ao qual muito não tem acesso. Essa forma de projetar busca a obtenção de resultados mais adequados aos futuros usuários do espaço projetado - que tem papel fundamental no processo projetual e enriquecem a construção do conhecimento coletivo - e pode ser aplicada tanto em grande escala como em habitações unifamiliares e comerciais. No projeto participativo, todas as decisões são tomadas em conjunto, e não apenas comunicadas ou compartilhadas.

Obter a participação de um leigo num projeto significa, também dar-lhe os meios de acessar esses códigos de representação para que possa entender o que está sendo proposto e contribuir com a proposição. Ninguém participa sem decidir nem decide sem conhecer. Se assim não for, o projeto participativo será apenas uma manipulação para legitimar as decisões do arquiteto e de outros técnicos envolvidos no processo (MALARD et al, 2002, p. 247).

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

A elaboração de um projeto participativo promove ao morador uma visão integrada do processo produtivo e, portanto, um contato desalienante com o produto final. Essa busca em utilizar de forma criativa as técnicas e soluções arquitetônicas compartilhadas pelos arquitetos e os usuários, resulta em uma despadronização do produto final, com uma maior qualidade e, conseqüentemente, satisfazendo a todos. A produção de uma arquitetura em conjunto com quem irá utilizá-la visa um projeto elaborado não apenas por arquitetos profissionais, mas também por quem vivencia a arquitetura e produz o seu próprio espaço – tanto pela falta de acesso à um profissional quanto pela capacitação à autoconstrução adquirida ao longo das experiências vividas. Essa forma de construir de forma coletiva é o início da formação dessa cooperativa, que através de idéias, sugestões, materiais, e mão de obra, se unirão aos estudantes para projetar o seu novo local de convívio e trabalho.

Autogestão e Autoconstrução

Em um projeto participativo de interesse social, o usuário final está presente durante todo o processo, tomando decisões e gerando a obra em conjunto com o arquiteto. Quando esse usuário é encarregado de administrar e empreender a obra, essa é considerada uma obra autogerida. De acordo com Sibelle Meyer Lana:

É designado processo de construção autogestionário aquele em que o morador participa de todas as decisões tomadas durante a obra, desde a escolha do terreno, passando pelas etapas de projeto, escolha dos materiais de construção, mão de obra, técnica construtiva, aprovação do empreendimento nos órgãos competentes, até o gerenciamento financeiro. (LANA, 2007, p.34)

A autogestão da obra não implica necessariamente na sua autoconstrução: o usuário pode tanto utilizar mão de obra contratada, quanto construir pessoalmente. Diferente disso, uma obra autoconstruída é feita pelo próprio usuário, e dependendo de sua dimensão, pode envolver várias pessoas, caracterizando um mutirão, que deve ser organizado para garantir a qualidade final da edificação.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016

A aplicação no caso da CooperMajor



A CooperMajor é uma cooperativa construída por 11 cooperados - em parceria com técnicos da EPAGRI, e o AMA - e sua edificação, um resultado da participação de todas essas partes durante a projeção. Projetar em conjunto com os futuros habitantes do espaço é uma forma de prover a apropriação do projeto por parte dos seus futuros usuários, desde o seu processo inicial. O envolvimento de diferentes atores e instituições num projeto de arquitetura traz uma qualificação tanto do projeto quanto do processo, e traz ao grupo diversas discussões que propiciam um amadurecimento de ambas as partes, nivelando conhecimentos e difundindo técnicas de um grupo para o outro.

No caso do projeto da Cooperativa de Major Gercino, o processo de projeção contou também com a participação de outros grupos de alunos da UFSC, dos cursos de geografia, administração, engenharia sanitária e ambiental, engenharia química, e engenharia civil. A interdisciplinaridade do projeto teve como consequência uma maior qualidade projetual, levando a comunidade ajuda de futuros profissionais de diversas áreas, que também aprenderam colocando em prática o conhecimento adquirido dentro da universidade.

Além de ser caracterizado como um projeto autogerido, a construção da cooperativa também será feita pelos seus usuários, porém, com o auxílio de mão de obra especializada em momentos da construção que exigem um maior conhecimento técnico. Assim, a construção da cooperativa resultará em uma obra parcialmente autoconstruída através de mutirões - que serão abertos para os estudantes de arquitetura e urbanismo, e para toda a comunidade que estiver disposta a ajudar e aprender.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



3. Resultados e Discussões

Metodologia participativa

A participação dos usuários na projeção da cooperativa se iniciou durante o processo projetual e se estenderá até a construção da obra. Para alcançar um projeto de cunho participativo, foram utilizados métodos de projeção que saíssem do espaço individual do arquiteto para atingir a comunidade, realizando para isso mutirões de discussão e proposição, seminários e oficinas técnicas, com o objetivo de conscientizar a comunidade da história existente na sua arquitetura e de garantir o controle coletivo sobre as ações dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo. Busca-se assim uma dinâmica contínua de diálogo e de troca de conhecimentos entre o AMA e a comunidade, fomentando a interdisciplinaridade no processo e integrando tanto as qualidades, quanto as fragilidades dos diversos atores.

Neste processo foram previstos três momentos de reuniões e oficinas comunitárias prévias ao anteprojeto, e uma última oficina para a apresentação da solução projetual encontrada. Estes encontros tiveram como objetivo mobilizar a comunidade local através de atividades extras organizadas para fomentar a integração entre a equipe da UFSC e as famílias cooperadas. Buscou-se igualmente garantir o controle coletivo sobre as ações da equipe de alunos e uma maior adequabilidade das soluções propostas em relação às necessidades e demandas da população local, percebidas ao longo do processo.

Para a programação destas oficinas, foram elaboradas dinâmicas participativas, que auxiliaram no desenvolvimento projetual de uma forma lúdica e interativa. Essas dinâmicas foram baseadas no Diagnóstico Rural Participativo, um guia prático desenvolvido por Miguel Espósito Verdejo (2006, p. 12) que tem como objetivo apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação e, assim, fomentar um desenvolvimento sustentável. Como consequência da implantação dessa metodologia, destacamos o projeto arquitetônico final como um projeto elaborado com a participação de todos, que colocou em prática o conhecimento dos estudantes e da comunidade.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Figura 1. Debate entre AMA e os cooperados na primeira oficina.

Fonte: Elaborada pelos autores

Oficina I

A primeira oficina elaborada foi também o primeiro encontro entre os estudantes e toda a comunidade, visto que até a ocasião, conheciam apenas os representantes da EPAGRI, que até o final do projeto mediarão o contato entre os cooperados e o AMA, que se localizam a 180 quilômetros de distância uns dos outros.

Aproximação com a comunidade

Visando uma relação horizontal e participativa dos membros da cooperativa junto ao processo de projeto, esta primeira oficina focou-se em estabelecer uma relação entre a comunidade e os estudantes, por meio de dinâmicas, entrevistas e diálogos. Ademais, outro produto desta oficina foi um prévio programa arquitetônico baseado nos desejos das famílias quanto ao projeto.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016

Contato inicial



Em uma primeira aproximação pensou-se em uma dinâmica de integração entre as duas partes. Com base nisso fez-se a Dinâmica dos Nós, a que tem como objetivo desenvolver a solidariedade e a força da união entre o grupo, mostrando as vantagens de se pensar em conjunto. Procedeu-se da seguinte maneira:

- O grupo se colocou em círculo, e o orientador pediu que cada um observasse bem o seu colega da direita e o seu colega da esquerda;
- Ao sinal do orientador, todos começaram a caminhar dentro do círculo imaginário de forma aleatória e sem direção, até que o mesmo pedisse que parassem de caminhar e permanecessem no lugar;
- Com os olhos - e sem caminhar - procura-se o colega da direita e o colega da esquerda para encontrarem novamente suas mãos;
- Em seguida o orientador explica que se deve voltar à posição inicial em círculo sem que soltem as mãos. A princípio parece-se impossível realizar a tarefa, mas aos poucos surgem estratégias e descobrem-se maneiras, todos juntos, de voltar à posição inicial.

Levantamento de dados culturais

A segunda dinâmica desenvolvida tinha como objetivo o compartilhamento de experiências e reconhecimento do histórico e cultura de cada um. Para tanto, se pensou em uma atividade que incentivassem todos a se expressarem e participarem. A Dinâmica das Mãos funcionou da seguinte forma:

- O grupo sentou-se em círculo, e cada um recebeu uma folha em branco e canetinhas;
- Todos desenharam o contorno de uma mão no papel, utilizando a própria mão como molde, dentro do qual deveriam responder a pergunta O que está na mão já fez? De

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

forma que todos escrevessem dentro do desenho do contorno da sua mão aquilo que já praticou, contando assim, um pouco de sua história.

- c. Depois de todos terem escrito, foi feita uma rodada expositiva, onde todos têm a chance de mostrar seu desenho e contar as atividades que já praticaram durante a vida.



Figura 2. Cooperados e estudantes apresentando nas mãos desenhadas as experiências que já viveram.

Fonte: Elaborada pelos autores

A partir dessa dinâmica foi possível compartilhar um pouco mais da história de cada cooperado e dos próprios alunos, ao mesmo tempo em que se descobriu um pouco mais sobre o histórico das famílias e do local, da cultura e o processo imigratório da região.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016

Programa Arquitetônico Preliminar



Em busca de dados mais específicos para o projeto arquitetônico, a última dinâmica teve como objetivo uma coleta de desejos, através de uma dinâmica que deu a todos os cooperados a oportunidade de se pronunciar, possibilitando cada um à expressar seu pensamento e expectativa quanto ao projeto. A Dinâmica da Indústria dos Sonhos consiste em uma forma lúdica de obtenção do programa arquitetônico preliminar. Procedeu-se da seguinte maneira:

- a. Os alunos levaram uma grande indústria desenhada em papel, que foi fixada em um local onde todos poderiam vê-la;
- b. O grupo foi dividido em grupos menores, e cada grupo recebeu algumas folhas de papel – na ocasião forneceu-se 4 folhas para cada grupo – que foram recortadas em formato de tijolos, representando a concreta construção da edificação;
- c. Os grupos então escreveram nos papéis o que esperavam do espaço a ser construído, surgindo desejos mais concretos como uma cozinha, ou abstratos como um “espaço agradável”.
- d. Depois, os “tijolos” foram colados no desenho da indústria, e o programa arquitetônico pode ser discutido. Após a dinâmica surgiram diversas questões que foram debatidas e acordadas, para então serem resumidas em um prévio programa de necessidades para ser seguido no projeto.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016

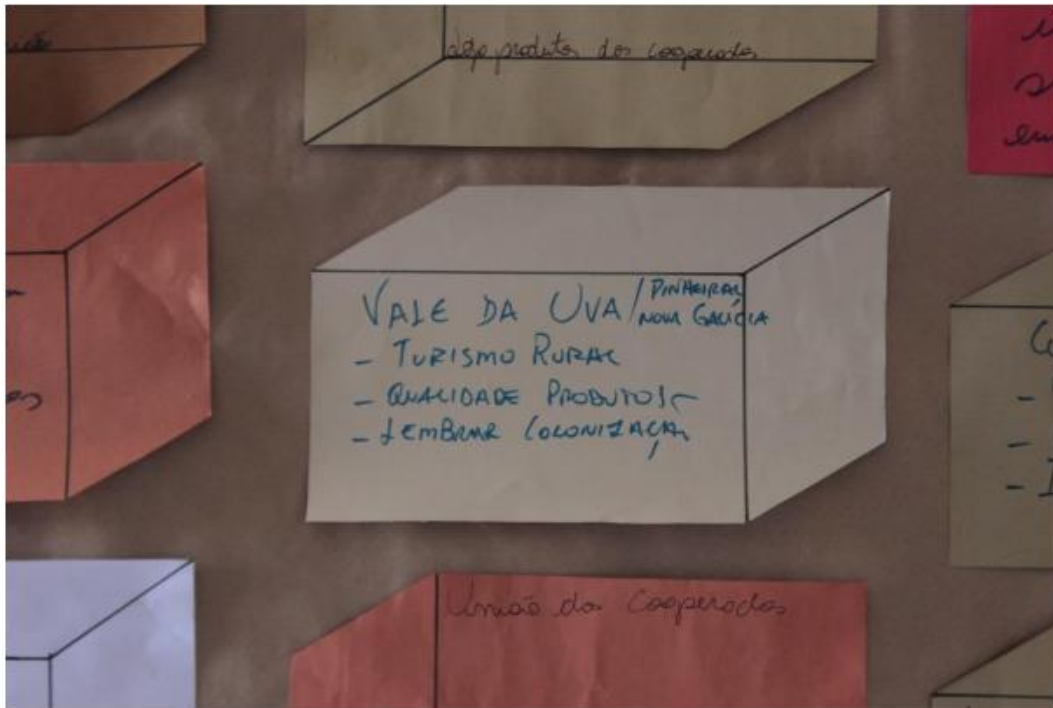


Figura 3. Tijolos que unidos formam a cooperativa com os desejos de cada cooperado.

Fonte: Elaborada pelos autores

Oficina II

A segunda oficina teve como objetivo a decisão da implantação da indústria junto ao terreno. Para tal, utilizou-se como metodologia de reconhecimento do território um mapa mental elaborado pelos cooperativados; e para o desenvolvimento de uma maior consciência espacial, o grupo de estudantes apresentou uma maquete física do terreno na escala 1:100.

Apresentação do entorno

O conhecimento do entorno da obra pelos usuários foi proposto a partir de uma dinâmica denominada Dinâmica do Mapa Mental, que tem o propósito de situar o indivíduo no espaço, fazendo-o desenhar aquilo que está ao seu redor em um mapa. Na oficina, a dinâmica foi feita da seguinte maneira:

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

a. Em uma grande folha de papel desenhou-se uma representação da futura indústria e o terreno;

b. A partir disso, cada pessoa foi convidada a desenhar nessa folha pontos de referência dos quais se lembrava - como a casa onde mora - sem preocupação com a escala ou com a localização exata;

Com isso, possibilitou-se que todos criassem consciência das distâncias e relações que o terreno tem com a comunidade, promovendo um melhor senso de localização.

Definição preliminar da implantação

Com o auxílio de uma maquete física do terreno, pode-se discutir a localização da edificação e as relações que está possuiria com o entorno. As maiores questões foram a implantação da indústria na parte alta ou baixa da topografia; para onde seria voltada a fachada; se haveria separação entre indústria e uma futura loja para a comercialização dos produtos; por onde entraria o caminhão para o descarregamento da matéria-prima; e onde ficaria o estacionamento para os clientes.

Após o debate, conclusões foram retiradas para serem aproveitadas no projeto. Dentre elas, ficou decidido que a edificação seria única e ficaria na cota mais elevada; a fachada principal seria voltada para oeste – considerando a massa de vegetação que forneceria conforto térmico para a edificação; o caminhão entraria pelos fundos; e o estacionamento para clientes ficaria na cota mais baixa, à frente da fachada principal.

Oficina III

A terceira oficina teve como objetivo a decisão de materialidades em conjunto com as famílias, levando em conta o histórico do local e a influência da arquitetura de imigração no espaço onde vivem.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016

Conscientização e reconhecimento da cultura local



A primeira ação desenvolvida na segunda oficina foi uma discussão entre os estudantes e a comunidade, que deu a oportunidade aos majorcinese de compartilharem entre si suas histórias e origens. Para isso, foi solicitado que trouxessem as fotos mais antigas de sua família em Major Gercino, e que contassem um pouco da história da própria cidade. Através da fala dos cooperados, todos foram tomando consciência como a história deles e de seus antecessores foi importante para que se tornassem quem são hoje - e para que a paisagem da cidade seja como ela é.

Após o debate, o professor César Floriano dos Santos, professor de História da Arte e da Arquitetura do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, apresentaram à comunidade um pouco da história da chegada dos imigrantes Italianos e Poloneses em Santa Catarina, dos quais a maior parte da população de Major Gercino é descendente. Na palestra, o professor mostrou como a arquitetura de imigração mudou o espaço em que vivemos, e como a valorização dessa cultura – que também caracteriza a cultura da comunidade - deveria ser preservada. A intenção com a palestra foi mostrar aos cooperados como a arquitetura que já faz parte do espaço deles será resgatada através da edificação da CooperMajor, tanto através dos traços que remetem às antigas construções, quanto pela organização dos espaços, fazendo com que a sede da Cooperativa se integre a paisagem do local.

Apresentação do Partido Arquitetônico

Após a palestra, discutiu-se em conjunto com os cooperados, um esboço de partido arquitetônico proposto pelos alunos com o auxílio do professor orientador. Os traços iniciais envolviam uma construção por módulos, onde um grande vão livre integraria a parte industrial com a parte comercial e social. Seguindo principalmente a forma da arquitetura local, o telhado do vão seria tipicamente polonês, com duas águas inclinadas. A partir dessa ideia primária abriu-se um grande debate onde todos contribuíram com opiniões e desejos acerca da forma e espacialização de funções. Com

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

base nessa dinâmica, foi possível o posterior desenvolvimento de um projeto concebido tanto pelos estudantes quanto pela comunidade.



Fonte: Elaborada pelos autores

Alternativas construtivas propostas

O resgate da arquitetura local não objetiva apenas um quesito estético, mas principalmente, trabalhar com métodos construtivos já presentes na região, e conhecidos por seus moradores. Esses métodos construtivos são a alternativa encontrada pela população para construir suas edificações, se especializando em materiais disponíveis no próprio local. Um exemplo disso na edificação foi a ampla utilização do eucalipto para a construção do telhado, característica observada em diversos galpões dos cooperados visitados; além da presença do arco como elemento de entrada e sustentação

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



adop

UFMG



Apoio:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

da estrutura, feito em tijolos maciços muito utilizados pela comunidade em seus anos de plantio de fumo, nas estufas onde os armazenavam.

Com isso, a edificação foi pensada de uma forma que facilitasse a busca de materiais reutilizáveis e de mão de obra especializada - os próprios cooperados. Dessa forma, alcançamos uma grande diminuição no custo da obra, além de possibilitar às famílias que se sentissem parte da construção do local com o qual tanto sonham.

Oficina IV

A oficina IV foi pensada como sendo a última oficina realizada com os cooperados. Nela, o projeto arquitetônico final foi apresentado a todos como fruto da projeção dos estudantes e das famílias envolvidas, que identificaram no modelo o sonho de um espaço próprio para o trabalho de todos e a convivência entre eles.

Apresentação do Projeto Arquitetônico

Para iniciar, introduziu-se a todos a intenção projetual utilizada na elaboração da proposta, que se baseou na tentativa de resgatar a cultura local e promover a comunidade um lugar acolhedor que propicie uma melhor relação entre todos os envolvidos na produção da Cooperativa.

Viver em comunidade está intimamente relacionado à cultura do local, sendo o regaste dos costumes e da arquitetura um dos objetivos do projeto. A relação de cooperação existente entre as famílias da comunidade de Major Gercino é uma das qualidades ainda presentes em pequenas vilas, e que se perderam nas grandes cidades - é essa qualidade que procuramos ressaltar através do pertencimento resgatado no projeto. O interesse na propagação dessa tradição está na preservação da memória, assim como no fortalecimento da identidade dos que ainda vivem essa cultura.

O partido foi então concebido tendo como suporte dois conceitos pensados através do regionalismo crítico: a *união* e o *pertencimento*. No primeiro, fora trabalhado a idéia de que a edificação não só qualificaria a convivência entre os trabalhadores do

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

local, mas como também a de todos que por ali passassem. Em seguida, o pertencimento é referente aos costumes que veem sendo preservados pela comunidade, enfatizando o resgate cultural dos colonizadores europeus, majoritariamente italianos e poloneses.

Após a conversa sobre a intenção projetual, apresentaram-se às famílias os detalhes do projeto, explicando através de plantas e perspectivas os fluxos e disposição dos ambientes da cooperativa. Na apresentação, foram colocadas em pauta opiniões e esclarecimentos quanto ao projeto, discutindo em conjunto possíveis mudanças e dúvidas relacionadas ao funcionamento do espaço industrial que só poderiam ser respondidas por eles, além dos questionamentos acerca dos detalhes estruturais - conhecimento prático com o qual a maior parte dos cooperados já teve contato.

O projeto Arquitetônico

A resposta final ao projeto foi positiva, correspondendo tanto as expectativas dos estudantes quanto as da comunidade. Através dele, foi possível planejar a implantação da unidade produtora de sucos e geleias, além de uma loja onde será possível comercializar os produtos, e um amplo espaço lúdico de convivência para os cooperados. O layout foi pensado de acordo com os fluxos de produção, e garante a possibilidade de expansão do equipamento, considerando a otimização da estrutura logística da fábrica e o melhor aproveitamento das condições naturais do entorno. A intenção do projeto é de além de criar um espaço adequado a produção, propiciar um local agradável e atrativo a visitas, estimulando a atividade turística na cidade.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Figura 6. Representação gráfica da entrada principal da edificação.

Fonte: Elaborada pelos autores.



Figura 7. Representação gráfica da entrada secundária da edificação.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



UFOP
Universidade Federal de Ouro Preto



Figura 8. Representação gráfica da área interna de produção.

Fonte: Elaborada pelos autores.



Figura 9. Representação gráfica do escritório da área administrativa da Cooperativa.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

concluir um projeto arquitetônico que condissesse com as necessidades e preferências dos futuros usuários. Para os majorcinense, a conclusão do projeto arquitetônico significa mais uma etapa da constituição da cooperativa, que em breve terá sua construção iniciada; para os alunos, a elaboração de um projeto arquitetônico que sairá do papel durante a graduação trouxe grande aprendizado, e, além da oportunidade de entrar em contato direto com clientes, proporcionou grande satisfação em levar a comunidade externa a universidade o acesso a conhecimentos de futuros arquitetos e urbanistas.

A construção da sede da COOPERMAJOR trará a possibilidade de potencializar o produto que já comercializam – já que agora ao invés de vender apenas a uva poderão também vender sucos e geleias da fruta –, e dessa forma, aumentar a renda das famílias cooperadas. A finalização do projeto arquitetônico possibilitará a cooperativa a consumação do recurso de financiamento já garantido pelo BESC (Banco do Estado de Santa Catarina), e as obras da edificação tem previsão para conclusão em dezembro de 2016, sendo possível iniciar a produção de sucos e geleias na próxima temporada de uvas.

5. Referências

BARONE, Ana Cláudia Castillo; DOBRY, Sylvia Adriana. "**Arquitetura participativa**" na visão de Giancarlo de Carlo. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, v. 15, p.18-31, jun. 2004

BRASIL. Miguel Expósito Verdejo. MDA - Secretária do Desenvolvimento Agrário. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília: Gráfica da Ascar, 2006.

LANA, Sibelle Meyer. **O ARQUITETO E O PROCESSO DE PROJETO PARTICIPATIVO: o caso RSV**. 2007. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MALARD, Maria Lucia et al. **Avaliação Pós-Ocupação, Participação de Usuários e Melhoria de Qualidade de Projetos Habitacionais:** uma Abordagem Fenomenológica com o apoio do Estúdio Virtual de Arquitetura - EVA. Belo Horizonte, [200-?]. 24 p.

MATOS, Luana Marinho. **PROCESSO PARTICIPATIVO DE PROJETAÇÃO EM ARQUITETURA: ESTUDO DE CASO DE UMA OFICINA DE PROJETO.** 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

RIO, Vicente del; IWATA, Nara; SANOFF, Henry. **PROGRAMAÇÃO E MÉTODOS PARTICIPATIVOS PARA O PROJETO DE ARQUITETURA: O CASO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ.** In: NUTAU' 2000, 3., 2000, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Nutau-usp, 2000. p. 105 - 113.

SOUZA, Carolina Herrmann Coelho de et al. **PROCESSO DE PROJETO PARTICIPATIVO: CRIAÇÃO EM ARQUITETURA SÓCIO-AMBIENTAL PARA O NÚCLEO AMIGOS DA TERRA (CASANAT).** Rio Grande do Sul, [200-?]. 10 p.

PERES, Lino Fernando Bragança. **Experiência prática em ambiente acadêmico e profissional a importância acadêmica e social das oficinas comunitárias de projeto e planejamento de urbanismo e arquitetura, subsídios para construção de um projeto pedagógico** in DIAS, V. L. N. Cadernos do Observatório Geográfico da Grande Florianópolis do PET Geografia UDESC. Santa Catarina: Editora Insular, 2011.

PIMENTA, Margareth de C. A. **Coleção Cadernos de Memória - Mestres Artífices** – Santa Catarina, volume 2. IPHAN, 2012.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2